

# Sarney já começa a esquecer a política

O presidente pensa em escrever livro de memórias e se dedicar mais à Academia

BARTOLOMEU RODRIGUES

BRASÍLIA — Já se foi o tempo das grandes articulações no Palácio do Planalto, que vive em ritmo de fim de governo. O presidente José Sarney, segundo alguns dos assessores que convivem com ele na intimidade, não alimenta mais ambições políticas (exceto no Maranhão) e se prepara para escrever um livro de memórias e dedicar mais tempo à Academia Brasileira de Letras (ABL), onde ocupa a cadeira nº 38.

Há quem acredite, no Planalto, que o marasmo do governo na verdade é uma "ressaca" da Constituinte, encerrado o período em que Sarney se esforçou para mudar o que considera prejudicial à governabilidade do País. Mas o fato é que o isolamento do presidente se agrava a cada dia e os gabinetes que circundam o seu, antes ocupados por economistas e políticos tarimbados, estão ficando vazios. A estrela do ministro aposentado Thales Ramalho não brilhou até agora, nem impediu algumas gafes nas negociações entre o Planalto e o Congresso Nacional.

O terceiro andar, onde fica o gabinete presidencial, é hoje caminho obrigatório dos políticos maranhenses aliados da família Sarney. O ex-prefeito de São Luís, Mauro Fecury,

ganhou uma sala e um cargo (também assessor especial) para tratar de assuntos ligados à terra do presidente da República. Para tanto, recebe ordens diretas do deputado Sarney Filho, o Zequinha, virtual candidato a governador do Maranhão em 1989.

Pessoalmente Sarney procura não se envolver. Na semana passada, quando soube que seu nome era lembrado em São Luís para se candidatar a senador em 1990, mandou o governador Eptácio Cafeteira dizer, em seu nome, que não pretende disputar votos quando acabar o mandato de presidente.

## PREPARAÇÃO

Com os trabalhos da Constituinte praticamente concluídos, o presidente Sarney passou a se dedicar mais aos exercícios físicos. Atualmente está lendo livros e assistindo a vídeos sobre a União Soviética, que visitará em outubro. E mantém uma agenda de despachos rotineiros com ministros e parlamentares que compõem o conselho político. Às segundas-feiras, Sarney fica sabendo das últimas no Congresso, quando se reúne com o conselho.

Na semana passada, ele assinou 14 decretos, 22 atos administrativos e enviou dois projetos de lei para a Câmara Federal. Na quarta-feira, criou um problema com o Senado ao enviar autorização de empréstimo ao governo da Bahia que já havia sido aprovada no ano passado. Percebido o "equivoco", Sarney telefonou para o presiden-

te do Senado, Humberto Lucena, para se desculpar.

Ainda na quarta-feira, recebeu da área econômica do governo números alarmantes da inflação de setembro, que pode ficar na casa dos 25%. Sarney mostrou-se preocupado, com isso, em conversas mantidas com alguns amigos, entre eles o governador do Distrito Federal e futuro ministro da Cultura, José Aparecido de Oliveira. Por isso, fez questão de rechear com notícias animadoras o programa semanal *Conversa ao Pé do Rádio*, gravado quinta-feira à noite e transmitido na manhã de sexta. Falou de supersafra de grãos, de recorde da balança comercial, dos programas oficiais que têm dado certo, mas nada disse sobre a inflação.

## PACTO, NÃO AGORA

Outro assunto que tomou parte do tempo do presidente na semana passada foi o pacto entre trabalhadores e empresários. Conversou com o presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Albano Franco, e com o presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, Luiz Antônio Medeiros. Sarney incentiva a idéia do pacto, mas acha difícil efetivá-lo nestas alturas depois de várias tentativas frustradas. Pacto "é uma palavra gasta", revelou o presidente a um de seus amigos.

Mas, além do livro de memórias, o presidente Sarney pretende deixar para a posteridade um museu sobre a sua administração, que, embora criticada atualmente, ele espera seja reabilitada no futuro.



Sarney, cada vez mais isolado no Planalto: até mesmo os gabinetes à sua volta se esvaziam

André Dusek/AE